

PCP JORGE VILAS  **JORNALISTA**

O vale do Douro

**Terra de onde
um ateu duvida
e a fé de um crente
asmorece, escreveu
António Barreto**

O vale do Douro? Dele escreveu António Barreto que é um "espetáculo que nos reconcilia com a Natureza". Filho de Quaresma, ermitão, foi categrórico: "O Douro é a prova provida de que a Natureza só é Natureza depois de transformado pelo Homem". Navegável depois de Outubro de 1390, o rio, escreveu António Barreto, deixou de ser leniz e selvagem para nele se poder praticar o windsurf e a vela. De rabelos são, hoje em dia, um simples cartaz turístico e, em seu lugar, subiram as águas barcas carregadas de turistas extasiados com a beleza inagotável das encostas e arrabaldas onde o homem construiu calcões de terra e sóis para nele produzir o vinho que tem o nome da cidade do Porto.



Temo que o novo "manifesto pelo Douro" vá cair em saco roto, tal como já aconteceu no passado

Quando era menino, o Vale do Douro surpreendeu-me nos encontros amigáveis com os seus afluentes como o Cão, o Corgo, o Varosa, o Tâmba, o Pinhão, o Turvo, o Tua e o Sabar, mas que flex na retina de todos nós são aqueles espantosos azulejos, "feitos a beira e a sangue" dos transmontanos, galiegos e durrenses que, segundo ainda António Barreto, tudo fizeram: "os muros porque as encostas eram úmide; a terra porque o solo era de rochas; a vinha porque a mata era dos lacraus". Mas o que surpreende nesta terra de clima mediterrânico até mais não pode é o facto de se poder encontrar ainda plantados o in-

previsível sobreiro, as hiliças de videira e uma variedade enorme de frutas. Tudo junto faz com que ao contemplar-se a paisagem do alto de S. Salvador do Mundo ou em S. Leonardo de Calafura, um "ateu duvida e a fé de um crente asmorece", de acordo com António Barreto.

Cá por mim, o Vale do Douro é tudo isto mas também o encontro com a terra de minha mãe, nascida em Peso da Régua. Com a primeira passageira, menino e moço, o Pisco e as vindimas em Colhas de Moledo, onde deo visao Mundo, nos finais do século XIX. Nesse tempo de vinho e rosas, encontrava-me com os tios Alberto e Leonor, Amílrio

e Mimi, com os primos Rui e Isabel, Maldeir, Jorge e Abel, os três últimos na Quinta da Bela Vista, em Fontelas. Mas os tentáculos da amizade levaram-me ainda a Santa Marta de Penaguião, Lousado e Vila Real. Era uma festa contínua, com o tempo a escorrer lentamente nas respectivas amplitudes. Tomava-se banho no rio, ainda revoltado, à vista tenaz da avó Adelaide e sob a vigilância atenta do barqueiro que fazia travessia das águas naquele ponto onde, curta a lenda, o Zé do Tejado passava de Lamego para as encostas do Marão onde praticava os tropeços de todos confissões.

Dito tudo me lembrei no en-

contro em que ainda N que está em "banha marta" nos uns "manifesto pelo Douro". Segundo Ermilinda Osório, o documento referido não foi divulgado publicamente porque decorreu até antermem a campanha eleitoral para os autarquias e é evidente não confundir almas com bugalhos. Diz a nossa companheira de trabalho que o manifesto, subscrito por 350 personalidades de diferentes áreas e 26 autarcas da região, sugere intervenções concretas para combater problemas como o declínio demográfico, o envelhecimento populacional ou a taxa de analfabetismo, que ronda os 17% na região. O "manifesto pelo Douro" é já do conheci-

mento do primeiro-ministro e coiza, neste momento, a via sacra das comissões parlamentares.

Ao longo de quase 40 anos de actividade profissional, li múltiplos trabalhos e acompanhei inúmeras reuniões, conferências e debates sobre o Vale do Douro. Nem deles, ocorrido em 1988, na Alameda do Porto, representantes espanhóis de Castilla-León deixaram bem expresso o quanto lhes interessava a navegabilidade do Douro para o desenvolvimento da sua região, também ela a sofrer com o declínio demográfico e o envelhecimento populacional. As suas vózes, porém, caíram em saco roto e bem que este manifesto tenha o mesmo destino.